



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

EDUCAÇÃO PARA A VIDA: AS CONTRIBUIÇÕES DE REICH

Karin Luísa Lütke-meier
José Henrique Volpi

RESUMO

Neste artigo estão apresentados alguns pontos na trajetória de Wilhelm Reich no campo da Educação. Psicanalista, pesquisador da energia orgone, aborda a educação como um dos pilares para sustentação de uma nova sociedade. Desde a prevenção do encorajamento, até uma educação que conserve a energia vital que cada criança carrega consigo ao nascer, Reich traça perspectivas para pais, mães, educadores.

Palavras-chave: Autorregulação. Corpo. Educação. Energia. Reich.

Abordar a educação na obra de Wilhelm Reich é, ao mesmo tempo, encantador e desafiador. Encantador no sentido de que “Reich foi um psicanalista atuante e um militante no campo da educação” (MATTHIESEN, 2004), e “seu constante inconformismo com padrões sociais fez de Reich proprietário de uma bela e valorosa obra textual que serve tanto para a educação (seja formal, doméstica ou social) como para qualquer pessoa que seja interessada em aprender sobre a vida” (OLIVEIRA, 2008). E desafiador, já que esta abordagem se encontra diluída em vários escritos, requerendo um olhar atento e cuidadoso ao acessar suas idéias.

A educação aparece na sua obra como uma das formas de reprodução das couraças e neuroses, e por isso mesmo, tornou-se um dos alvos quando o objetivo é a prevenção destas, conforme Reich (1987):

O treinamento, assim como a estrutura de caráter da maioria dos pais, médicos e educadores, está ajustado à estrutura de caráter humana e à visão social sobre educação. [...] As doenças emocionais nos adultos são muito difundidas. O pai, o educador e o médico carregam o peso da educação equivocada da primeira metade do século XX, que perpetua séculos de completa ignorância sobre a infância. As distorções estruturais de caráter são transmitidas automaticamente para cada geração recém-nascida (p. 12).

Os recém nascidos vêm ao mundo trazendo somente sua hereditariedade bioenergética, e nada mais. Eles não têm cultura, religião ou cidadania, e nem mesmo um amor inato e absoluto por suas próprias mães (REICH, 1987). O princípio bioenergético natural do recém nascido é sistematicamente anulado e destruído pelos pais e educadores encorajados, apoiados, em sua ignorância, por poderosas instituições sociais que se desenvolvem baseadas no encorajamento humano (REICH, 1987). As crianças, assim como



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

outros animais, nascem sem encorajamento, e isto constitui a base mais fundamental da higiene mental, mais abrangente do que quaisquer tentativas futuras de desencorajar o animal humano (REICH, 1987).

Reich questiona, portanto, sobre quais mecanismos exerce a sociedade ao desconectar a criança da natureza que a sustenta ao nascer: “como é que os seres humanos falham em perceber que são parte da natureza e deveriam cooperar com ela, obedecendo suas leis? O que há de errado conosco, na forma de educar nossas crianças?” (REICH, 1987). Afirma, então, o quão necessária é a permanência desta conexão com a sua própria natureza, em detrimento de uma imposição cultural que reduz este campo de possibilidade que é a própria vida:

Começam com o que a criança deveria ser ou representar, e não com o que uma criança recém nascida é. Uma criança recém nascida é, em primeiro lugar, uma parte da natureza viva, um sistema orgonótico governado por certas leis bioenergéticas. Ninguém pode negar o fato de que a natureza viva é um campo infinitamente mais amplo do que a Igreja, o Estado, ou a cultura em particular (REICH, 1987).

Do ponto de vista da psicologia corporal, há, portanto, um desequilíbrio energético ocasionado pela “restrição das expressões espontâneas, em consequência da necessidade de o indivíduo se adaptar ao seu meio sociocultural, ocorre a estase da energia resultante dessa contenção, ou seja, a estagnação dessa energia, que se concentrará em pontos determinados, deixando outros sem energia suficiente, provocando alterações” (PEREIRA, 2008). O caráter para Reich é uma estrutura resultante de situações vividas, de um processo de construção histórica (PEREIRA, 2008). Desta forma, formam-se as couraças, que “são consideradas uma forma de armadura que protege o ego do indivíduo daquilo que não lhe agrada, bloqueando suas emoções e por consequência, suas reações e sua energia. Podem ser psíquicas ou musculares, e ambas estão relacionadas entre si” (VOLPI, 2020a). Essas tensões musculares crônicas perturbam a saúde emocional através do decréscimo de energia do indivíduo, restringindo sua motilidade (ação espontânea e natural e movimento da musculatura), limitando sua auto-expressão (LOWEN, 1985, *apud* VOLPI, 2020b). Se a rígida couraça do animal humano é o princípio básico comum de toda sua miséria emocional, se é esta couraça que o coloca como espécie biológica individual, para além do limite do funcionamento natural, [...] então a prevenção do encorajamento é o aspecto principal da higiene mental preventiva (REICH, 1987). A tarefa básica e soberana de toda a educação dirigida ao interesse da criança é remover todo o obstáculo do caminho desta produtividade e plasticidade da energia biológica naturalmente dada. Elas escolherão seus próprios modos de ser e determinarão seu próprio



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

destino. Devemos aprender com elas e ao invés de impor-lhes nossas idéias arrogantes (REICH, 1987). Mas como uma sociedade adoecida permitiria realizar este suporte às crianças de forma satisfatória, diante de seus próprios dilemas e coraças?

Reich proclama, em prol da profilaxia das neuroses, a necessidade de uma educação de educadores (MATTHIESEN, 2003) os quais devem agir constantemente sobre si próprios (BELLINI, 1995). Reich se assenta no pressuposto freudiano de que o educador deveria iniciar-se na psicanálise, não apenas teoricamente, mas experimentando-a em si próprio, já que os resultados das intervenções educativas dependeriam, também, do estado emocional do educador (MATTHIESEN, 2003). A agitação ou desordem entre crianças é normalmente o resultado de atitudes neuróticas inconscientes por parte dos educadores (BELLINI, 1995).

É preciso pensar a educação muito além da questão cognitiva. “O intelecto é uma das dimensões fundamentais do ser humano, mas se tomada dissociadamente das outras-emocional, corporal e espiritual, gera limitações no desenvolvimento humano” (DAMÁSIO E MATURANA *apud* PEREIRA, 2008). Assim, ao encontro de Reich, trago o viés do olhar para o educando como um ser, um corpo totalizante que possui muitas outras necessidades evidentes. “Reich, em seus textos da segunda metade dos anos 20, traz um olhar claro para o corpo, a partir das interferências da educação capaz de substituir o vigor motriz, a agilidade, a dinamicidade, próprios do mundo infantil, pela inibição da motricidade, da corrida, do salto, da agitação, em suma, da atividade muscular” (MATTHIESEN, 2004). O organismo vivo se expressa em movimentos, distingue o organismo vivo de todos os sistemas não vivos (REICH, 1998 *apud* PEREIRA, 2008). Foi Reich quem inaugurou no campo clínico a importância o olhar sobre o corpo, um instrumento passível de visualização dos sucessos e insucessos da educação (MATTHIESEN, 2004). Assim, é fundamental “abrir as possibilidades de um novo olhar para o corpo na prática pedagógica e maior compreensão das relações indissociáveis entre corpo, sentimento e pensamento” (PEREIRA, 2008).

“A sala de aula e outros ambientes vitais e sociais podem ser espaços que dão maior consistência ao encorajamento, e pode também ser um local para a flexibilização das coraças e reequilíbrio do fluxo energético do ser humano” (PEREIRA, 2008). Neste sentido, “Reich enaltecerá a necessidade de frustrações ainda que nelas evidencie a necessidade de limites. A grande maioria das intervenções educativas figura-se dentro daquilo que Reich classifica como frustrações desnecessárias, gerando nada mais do que conseqüências plenamente dispensáveis” (MATTHIESEN, 2004).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Matthiesen (2004) amparada em Reich, afirma que “ao contrário do que deveria ocorrer, a frustração não se efetua gradualmente, progressivamente, mas é abrupta, excessiva e a criança nem ao menos entende o porquê. Condições, certamente, propícias para a formação de um caráter inibido”. Do outro lado, o extremo oposto: educadores que deixam as crianças ao léu, negligenciando seu papel de educador – frustrador- em prol de um mimo excessivo que abomina toda e qualquer possibilidade de frustração. Formamos crianças com dificuldade de autocontenção, próprias da formação de um caráter impulsivo (MATTHIESEN, 2004). Frustrações necessárias são aquelas cujos objetivos são controlar e canalizar os instintos da criança capazes de comprometer sua adaptação na sociedade. Se permanecesse tal como nasceu, primitiva, egoísta, preocupada apenas com a obtenção do prazer, certamente mais tarde sucumbiria na luta pela vida (REICH, 1975 *apud* MATTHIESEN, 2004). No dia a dia, portanto, o desafio é a capacidade do educador em identificar as situações em que os limites são necessários e fundamentais, e em quais momentos pode abrir mão da necessidade de controle. “É como se houvesse uma medida certa, uma dosagem ótima, por mais que pareça impossível tal quantificação. Tanto o excesso, quando a falta de frustração, trariam conseqüências estrondosas à formação do caráter infantil” (MATTHIESEN, 2004).

“Uma das formas de atuar sobre a dissolução das couraças é a utilização das atividades expressivas (como atividades lúdicas e arte-educação) na prática pedagógica escolar, pois atuam sobre a energia, logo mobilizam soma e psique, atuando sobre a energia aprisionada, abrem como que brechas, possibilitando contato mais profundo conosco” (PEREIRA, 2008). Esta energia é mobilizada quando é permitido que o educando atue com seu corpo inteiro, e não apenas com seu pensamento; que permita estar em contato com o outro, estes colegas, amigo/as, que compartilham o espaço, o tempo e os desafios de sua própria geração.

Como professora, avalio que mergulhei nesta profissão com o pressuposto de que a didática e a formação acadêmica dariam conta de uma docência satisfatória. Na prática, esses quesitos tornaram-se menores diante da complexidade das relações entre o educador e a instituição, e o educador e os educandos. Como afirma Pereira (2008), “a formação do professor exige mais do que a aquisição de conteúdos e técnicas de ensino. É necessário saber como superar ou minimizar bloqueios que a vida exigiu como proteção, como nos mostram os estudos de Wilhelm Reich e alguns de seus continuadores”. Ou seja, no cotidiano da prática pedagógica, é necessário olhar-se muito mais do que o previsto, avaliar-se constantemente, readequar as práticas de acordo com as situações apresentadas no contexto



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

da sala de aula e fora dela. Haverá, portanto, um “crescimento em contato com o outro, na percepção das diferenças, na aceitação da multiplicidade de pensamentos e avaliação do seu próprio fazer”, [...] “na medida em que educadores investirem em um permanente processo de autotransformação e de melhor relacionamento consigo mesmos e com o outro para que possam atuar com mais abertura em sua prática pedagógica (PEREIRA, 2008). Os educadores precisam estar “libertos de atitudes inconscientes ou, pelo menos, que tenham aprendido a conhecê-las e a controlá-las” (REICH, 1975 *apud* MATTHIESEN, 2003). Deve-se, portanto, educar o educador para que ele possa assistir calmamente à manifestação natural do instinto da criança ou então, faria melhor em renunciar de forma geral ao trabalho de educador (SCHMIDT, 1975 *apud* MATTHIESEN, 2003).

Diante da vivência há seis anos na rede municipal de ensino¹, traço muitas reflexões acerca do funcionamento da instituição, das relações entre escola e comunidade, e das próprias práticas pedagógicas exercidas. Primeiro, de maneira geral, as escolas da rede pública carecem de uma articulação que favoreça melhorias na estrutura geral dos espaços de convivência e de aprendizado. Dependem e variam muito conforme as equipes diretivas para que consigam realizar um planejamento e dar direcionamento adequado às verbas, muitas vezes escassas. Outra questão, de muita importância, é a predominância no aspecto primordial da educação com foco na capacidade cognitiva e ligada ao conhecimento, na maioria das vezes, soterrando outros aspectos como expressão, sociabilidade e pensamento crítico. Mais uma vez, depende muito do desenvolvimento pessoal e consciência de cada um dos educadore/as. Como pano de fundo, existe uma maneira trágica em como são manejados os fracassos escolares vinculados às notas e desempenhos. Desta forma, há uma cobrança em produtividade e retidão para que os resultados sejam satisfatórios. Neste contexto, aluno/as de inclusão (portadores de necessidades especiais) acabam sendo proporcionados com formas diferenciadas de avaliação, muitas vezes mais lúdicas e menos exigentes. Assim, como resultado de muitos fatores, fica evidente a (baixa) expressão dos corpos domados na sala de aula, permanentemente sentados, obedientes e produtivos. A liberdade de ir e vir é cerceada de muitas formas, seja pela livre movimentação dentro da sala de aula, ou nas restrições para necessidades básicas como ir ao banheiro e tomar água.

¹ Sou professora concursada para o ensino em Ciências (PEB II) nos anos finais do ensino fundamental na rede pública municipal de ensino em Canoas-RS desde 2016. Não tecerei maiores narrativas acerca dessa prática neste artigo, pois não seria cabível, mas ao mesmo tempo me parece fundamental citar esta vivência e os aprendizados em paralelo às idéias aqui apresentadas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Neste contexto, muitas experiências positivas também existem e devem ser enaltecidas. Muitos educadore/as se dão conta, ao longo da vida docente, da dureza recíproca estabelecida entre regras e cobranças excessivas e sua própria saúde mental. O fracasso escolar deve ser visto como um resultado de muitos fatores, e não apenas como uma falta de motivação e vontade dos educandos. Pude vivenciar a promoção de espaços de convivência e a flexibilização de regras abusivas, principalmente em relação às necessidades fisiológicas das crianças e adolescentes. Formas lúdicas e promotoras de criatividade dentro e fora da sala de aula são ações que podem parecer pequenas, mas mudam completamente o cotidiano escolar.

Algumas atividades que tenho proporcionado e incentivado no contexto escolar, como respiração consciente, alongamento, períodos de convivência no pátio da escola, aulas ao ar livre, manejo do pátio (capina, plantio, rega), em cuidados com as plantas e promoção da biodiversidade, música em momentos da aula, e até mesmo a organização para as saídas ao banheiro e beber água, transformam os momentos que passamos juntos em grandes experiências. É gratificante sentir muitas vezes a energia fluindo, a alegria nos olhos e a cumplicidade para um desabafo (a partir dos adolescentes, principalmente): a prática pedagógica docente tem muitas brechas e possibilidades que vão além dos martírios já conhecidos que permeiam a educação. Além das citadas, outra ferramenta de extrema importância tem sido a roda de conversa, mediadas, quando existem conflitos recorrentes nas turmas, quando as questões pessoais, como ofensas e atritos atrapalham o andamento das aulas com as turmas. Identificar comportamentos violentos, reações exageradas são muito importantes para que cada um veja sua contribuição naquele conflito. Por outro lado, muitos integrantes da turma têm o potencial de serem apaziguadores, de mediar situações ao oferecer uma escuta, um conselho, abrir seu desconforto sobre o comportamento alheio. Neste sentido, a autorregulação realizada pela própria turma é um aspecto a ser explorado e aprofundado como uma estratégia potencial de melhor convivência e respeito entre eles.

O corpo saudável traz consigo a “autorregulação, ou sabedoria do corpo, que se tornará um axioma, um princípio central do pensamento de Reich” (BELLINI, 1995). É a autorregulação “que garantiria a identificação de necessidades e a capacidade de tomar atitudes para satisfazê-las. Uma educação alinhada à vida possibilitaria o desenvolvimento desta característica” (PEREIRA, 2008). A pessoa autorregulada é flexível, isto é, controla sua couraça de modo a adaptar-se à situação, reconhece e identifica seus impulsos, e lida com eles da forma que julgar mais conveniente para si e para o ambiente onde está (JEBER, 2006). Educação para a pulsão da vida é uma tarefa essencial para a educação do futuro que



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

resgare às gerações futuras sua mobilidade vegetativa e sexual para o exercício das fontes de nossa vida: amor, trabalho e conhecimento (BELLINI, 1995). A partir das possibilidades, da confiança em métodos diferenciados de tratamento do sentir e existir dos educandos, é que a promoção da autorregulação pode ser vivenciada. É claro que existe uma longa caminhada, mas pequenos resultados de autoconsciência e de regulação dentro das próprias turmas podem ser vistos. É possível tratar os erros e deslizes como partes do processo de aprendizado, sem excessivas punições.

Existem muitos desafios e possibilidades no campo da educação, que andam juntos. Cabe aos educadores se permitirem novas formas de olhar os conteúdos, as didáticas, e encontrar uma prática que flua, como afirma Lowen (1984) *apud* Pereira (2008) “quando estamos identificados com uma atividade, fluímos livre e espontaneamente. O prazer é fluxo de sentimentos”. Ainda Eva Reich (1998) *apud* Pereira (2008) diz que “o sentimento não é uma idéia ou uma imaginação- é um acontecimento energético no corpo. Existe algo que flui dentro de nós. Quando estamos felizes, nos esticamos, nos expandimos para o mundo. Quando temos medo, nos retraímos para dentro de nós mesmos. Nesse movimento, o que flui de lá pra cá é nossa energia vital”. É para a vida unicamente que pode-se educar. Para que educandos e educadores fluam nessa interface e assim nasça, todo dia, uma nova sociedade, menos encoraçada e mais livre.

REFERÊNCIAS

BELLINI, L.M. O educador do amanhã: princípios de uma educação autorregulatória. **Educar**. Editora UFPR. Curitiba, n.10, p. 23-32,1995.

JEBER, L.J. Educação pela autonomia através da autorregulação: uma perspectiva reichiana. **Revista Escritos Sobre Educação**. Ibitiré, v5, n1, p 26-32, jan- jun, 2006.

MATTHIESEN, S. Q. O corpo “educado” na educação do corpo: contribuições reichianas para a educação. **Coleção LEPSI IP/FE-USP, Anais 5**. São Paulo, 2004.

MATTHIESEN, S. Q. Educação de educadores: pressuposto psicanalítico ou utopia reichiana? **Psicologia USP**, São Paulo, 14(2), p17-34. 2003.

OLIVEIRA, F.I. de. **Prazer! Reich! A base de uma educação livre**. Dissertação de Mestrado. PPG em Educação, Universidade Federal de Uberlândia UFU. Uberlândia, 2008.

PEREIRA, L.H.P. Corpo e psique: da dissociação à unificação- algumas implicações na prática pedagógica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.1, p.151-166, jan-abr, 2008.

REICH, W. **Crianças do Futuro: sobre a prevenção da patologia sexual**. Traduzido de Children of the future: on the prevention of sexual pathology. New York: Farrar. Straus and



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

LÜTKEMEIER, Karin Luísa; VOLPI, José Henrique. Educação para a vida: as contribuições de Reich. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 26º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2023. [ISBN – 978-65-89012-03-0]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Giroux, 1987. Tradução independente feita por José Henrique Volpi e Sandra Volpi, Centro Reichiano, 2013.

VOLPI, J. H; A B C reichiano e pós reichiano. In: VOLPI, J.H.; VOLPI, S.M. (Org.) **Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Módulo 1, Aula 1. Curitiba: Centro Reichiano, 2020a.

VOLPI, J. H; Estresse na gestação e primeiros anos de vida e câncer infantil. In: VOLPI, J.H.; VOLPI, S.M. (Org.) **Apostila do curso de Especialização em Psicologia Corporal**. Módulo 2, Aula 4. Curitiba: Centro Reichiano, 2020b.

AUTORA

Karin Luísa Lütke-meier / Canoas / RS / Brasil

Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestra em Ciências Ambientais- Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora (PEBII) da Rede Municipal de Canoas-RS. Cursando Especialização em Psicologia Corporal, no Centro Reichiano - Curitiba/PR, desde 2021.

E-mail: karinluisa@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Especialista em Acupuntura. Diretor do Centro Reichiano, Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br